

Mentes maquínicas estendidas: Por uma antropologia cibernética

Daniel de Jesus Figueiredo 

Universidade Federal de Minas Gerais | Belo Horizonte, MG, Brasil

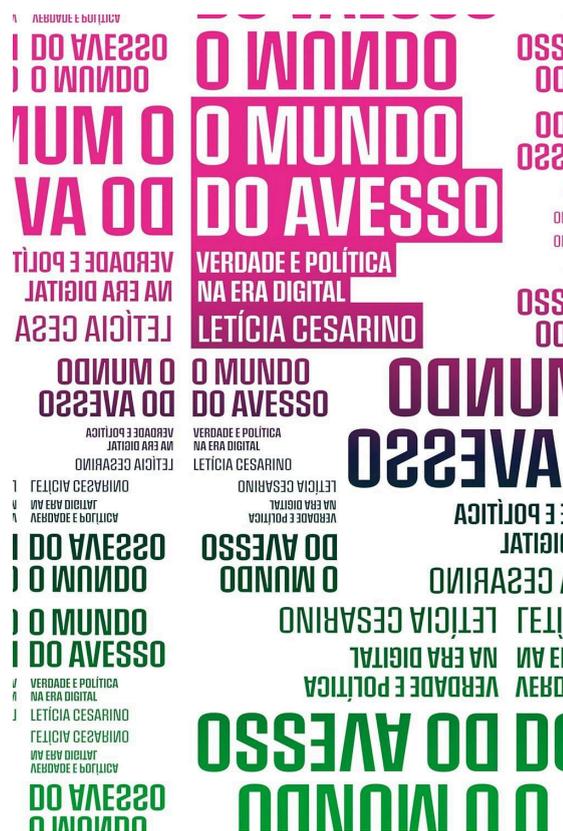
devirmaquina@gmail.com

Rafael Antunes Almeida 

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira |
Redenção, CE, Brasil

almeida.rafaelantunes@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v33i1pe218664



CESARINO, Letícia. 2022. O mundo do avesso: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu.

A partir das manifestações de 2013, conhecidas como “Jornadas de junho”, com seu ápice agonístico na eleição presidencial de 2018 e no governo subsequente, houve uma



e218664

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i1pe218664>

mudança na forma de se fazer política no Brasil. A estabilidade social vigente no comportamento político e eleitoral foi virada do avesso ao ser desestruturada e recombinaada em uma nova arena informacional, a internet, cujo *modus operandi* era, até então, uma novidade para as categorias explicativas da ciência política e para o jornalismo mainstream.

“O mundo do avesso: verdade e política na era digital”, escrito pela antropóloga Letícia Cesarino, é um dos resultados de uma pesquisa etnográfica iniciada em 2018 e que se incumbiu de estudar a forma como o bolsonarismo emerge como antiestrutura política e social por meio do mundo digital. A autora traz em sua obra o aporte de uma trajetória de formação de cerca de vinte anos de estudos no campo das tecnociências e nos estudos sociais e políticos, tendo feito graduação na UFMG, mestrado na UnB e culminando com um doutorado na University of California, em Berkeley. Atualmente, Cesarino é professora do Departamento de Antropologia da UFSC e assessora especial de Educação e Cultura em Direitos Humanos do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania.

Essa trajetória de formação e pesquisa se traduziu em uma reflexão que se notabiliza por um diálogo interdisciplinar eficaz, pelo revisitar de obras clássicas do pensamento antropológico do século XX e pelo esforço de produzir uma interpretação que engloba tanto a pós-verdade, como as formas contemporâneas de se fazer política. Para que essa interpretação funcione exige-se o comprometimento com alguns pressupostos basilares do livro, quais sejam: a ideia de que os dois últimos fenômenos são melhor compreendidos se olhados a partir das “ciências da complexidade” (Cesarino, 2022:11); a suposição de que existem períodos e temporalidades lineares e não lineares; o diagnóstico de que as formas como experimentamos atualmente a verdade e a política denotam uma crise (Cesarino, 2022:18); a ideia de que a última é melhor compreendida se a apreendermos a partir de uma escala macroscópica, que revela características similares em distintos grupos sociais; a ideia de que a crise é pervasiva e que, a despeito das variadas formas de expressão subjetivas ou de suas reverberações em grupos, há traços comuns que seriam inapreensíveis se mudássemos a escala de análise. A propósito, é essa a justificativa da obra para reabilitar a noção de sistema, um conceito que, como sabemos, tem uma longa trajetória na disciplina.

Letícia Cesarino sugere que o aparato sociotécnico das novas mídias, como o Whatsapp, o Facebook, o Youtube e outras plataformas, opera mediações (infraestruturas) em que fenômenos reconhecidos até então como sendo apenas políticos e sociais, como o populismo e a desinformação, emergem por meio de uma dimensão técnica – cujo modo de funcionamento a autora se empenha em explicar introduzindo a noção de cibernética, do antropólogo Gregory Bateson (1972). A explicação cibernética se ancora em uma perspectiva integrativa por meio da qual as ideias não são propriedades individuais de cada pessoa, mas são “padrões que emergem no nível coletivo” (Cesarino, 2022:14). Segundo a autora, a explicação cibernética proposta não é abstrata ou correspondente a uma

representação sistêmica, mas se perfaz na materialidade das novas mídias digitais (Cesarino, 2022:17). Ela é, portanto, ferramenta da analista e pressuposto da própria arquitetura das plataformas (Cesarino, 2022:19).

O livro se debruça exatamente sobre essa dimensão técnica ao argumentar que as novas mídias favorecem a emergência¹ de uma dinâmica sistêmica antiestrutural, termo que a autora pega de empréstimo do antropólogo Victor Turner ([1969] 2013).

A antiestrutura é a antinorma: aquelas camadas marginais, latentes, heterodoxas do sistema numa dada configuração sócio-histórica. Quando o centro organizador dessa configuração entra em crise, a antiestrutura é o que emerge para a superfície, tensionando o sistema como um todo na direção de seus limites estruturais. Como resultado, ele vai se dobrando sobre si mesmo, fazendo os extremos que o delimitavam se tocarem e se recombinar, invertendo suas hierarquias: o que era marginal vai para o centro, o que estava embaixo vai para cima etc. O centro do sistema é assim tensionado de modo que a configuração como um todo vire do “avesso”. (Cesarino, 2022: 15-16).

A noção de antiestrutura nos conduz ao argumento central do livro, qual seja: a análise baseada nas ciências da complexidade permitiria ao intérprete visualizar uma dinâmica na qual forças como os movimentos antivacina, o bolsonarismo e as teorias da conspiração aspiram promover “o englobamento de modelos de reconhecimento universal por modelos de reconhecimento bifurcado” (Cesarino, 2022:20).

Mas no retrato que o livro produz, esse englobamento ainda não ocorreu em definitivo. É isso que justifica o recurso à obra do físico e historiador da ciência Thomas Kuhn ([1962] 2020) que, ao descrever o processo de mudança entre paradigmas científicos, oferece à autora subsídios para descrever “a dinâmica diacrônica do sistema” (Cesarino, 2022:42). As teorias em competição que emergem na crise do paradigma científico são, no livro em tela, equivalentes à noção de antiestrutura. Mas o trabalho de Kuhn, na leitura cibernética que a autora faz de sua obra, apresenta seus limites. É que, para Letícia Cesarino, a obra do pesquisador americano é útil apenas até certo ponto para pensar “sistemas longe do equilíbrio” (Cesarino, 2022:56). Outras abordagens precisam ser conjuradas para descrever situações nas quais “há o colapso das diferenciações que organizavam o sistema anterior, sem que uma nova síntese estável tenha emergido” (Cesarino, 2022:67).

“O mundo do avesso” também detalha as forças catalisadoras do colapso. Note-se que falamos em catalisação, pois em toda obra as novas mídias aparecem como aceleradoras (Cesarino, 2022:88) de um processo no qual “o usuário humano não é o agente, mas o ambiente, para a agência dos sistemas não humanos” (Cesarino, 2022:89).

¹ A autora defende este ponto em mais de um momento: “Mudanças muito rápidas na infraestrutura de mídia podem aumentar a viscosidade do sistema sociotécnico e, assim, fazer emergir tensões antiestruturais com maior rapidez do que a capacidade do sistema de se reorganizar” (Cesarino, 2022:175).

Essa atenção à interação entre plataformas e “o nível pré-representacional dos afetos, hábitos, memórias” (Cesarino, 2022:90), ou os “processos primários” (Cesarino, 2022:109), é um dos aspectos inovadores do trabalho da autora. Trabalho que, se por um lado, diagnostica as crises nos sistemas peritos, por outro lado, também se debruça sobre “formas emergentes de reintermediação” (Cesarino, 2022:16).

Reintermediação é uma ideia central na economia conceitual da obra de Cesarino. Ela aponta para o processo de formação de coletivos e modos de verificação em um cenário de um sistema em “crise permanente” (Cesarino, 2022:69). Contudo, a autora tem o cuidado de apresentar uma visão complexa desse processo: “[o]s fatores de polarização ou de radicalização não estão nem nos sistemas algorítmicos nem na vida off-line dos usuários, mas no sistema que coemerge entre eles (Bateson, 1972)” (Cesarino, 2022:101).

Ao olhar para esse sistema e não para as condutas individuais, Cesarino sustenta duas características aparentemente paradoxais do mundo pós-2016: o efeito maquínico das infraestruturas digitais que exploram e controlam a “economia da atenção”², promovendo a “segmentação dos usuários em mundos personalizados” (Cesarino, 2022:113); e o sentimento de liberdade desses mesmos usuários.

Além do conceito de reintermediação, outra noção central da obra é a ideia de públicos antiestruturais. A partir da noção de públicos refratados, da antropóloga Crystal Abidin (2021), – que vem a ser um tipo específico de público que se forma por meio da ação tática de usuários e influenciadores, que conseguem apreender o funcionamento dos algoritmos e estrategicamente manipulam sua interface ao seu favor – Cesarino demonstra que boa parte dos ecossistemas de desinformação podem ser entendidos como sendo compostos de públicos refratados com um viés específico, que a autora nomeia de antiestrutural: “[Os] públicos antiestruturais emergiriam das ruínas de uma esfera pública desestruturada pelo duplo processo de digitalização e neoliberalização” (Cesarino, 2022:133).

O livro também apresenta uma interpretação original do conspiracionismo. A novidade reside na mescla entre uma explicação que recorre a um só tempo à psicologia dos mamíferos, ou aos seus processos de identificação em grupos, e à discussão de Mary Douglas ([1966] 2010) sobre o puro e o impuro. É que em Cesarino, as teorias da conspiração se aproveitam de “afetos e processos primários” (Cesarino, 2022:214) e, do ponto de vista do conteúdo, investem em “ansiedades sobre a integridade, segurança, pureza e reprodução do corpo coletivo, expressas em termos de violações, manipulações, inoculações, transformações, vigilância ou esterilização de corpos individuais” (Cesarino, 2022:213).

Ademais, a autora avança a hipótese do conspiracionismo como uma espécie de resposta, como uma forma “de retomar o controle sobre o próprio destino, de as pessoas voltarem a sentir que têm a escolha” (Cesarino, 2022:234). Mas este retomar o controle, projetando em agentes ocultos e distantes a responsabilidade pelos grandes eventos, caminha com a supervalorização da experiência como fonte de conhecimento.

² Segundo Cesarino, o conceito foi desenvolvido originalmente por Tim Wu (2016).

Assim, à confiança na certeza dos sentidos e na opinião individual corresponde a confiança num plano que é, em última instância, inacessível às pessoas comuns. Ambos convergem enquanto extremos que delimitam um mesmo sistema caótico: na eu-pistemologia, o indivíduo se vê como totalmente livre para "fazer a própria pesquisa" como bem entender. Porém, a entrega total ao "plano" faz com que ele nunca deixe a circunscrição daquele atrator. (Cesarino, 2022:241)

Sobre a estrutura do livro, "O mundo do avesso" reflete a não linearidade característica de seu objeto. A argumentação é espiralar, pois, apesar de ser retomada em cada uma das partes, nos capítulos e seções, não pisa sobre os mesmos lugares. A obra é dividida em duas partes: a primeira, em uma linguagem objetiva e técnica, explica a ideia de sistema adotada pela autora em consonância direta com os desenvolvimentos de uma "antropologia cibernética" de linhagem batesoniana. Na segunda parte, apresenta-se os resultados etnográficos da pesquisa realizada desde 2018 em redes online, que surgiram na forma de públicos antiestruturais, tais como o bolsonarismo e as chamadas alt-sciences, que se espalharam exponencialmente no período da pandemia de covid-19, a partir de 2020.

No capítulo 1, a perspectiva de sistemas adotada pela autora é oferecida juntamente com a apresentação da visão de Bateson como co-produtor original da cibernética nos anos 1940, devolvendo à antropologia seu lugar legítimo de análise na longa duração dos desdobramentos da internet.

No capítulo 2, a autora estabelece a ponte instrumental entre a explicação cibernética batesoniana com os sistemas cibernéticos atuais, em sua materialidade técnica. Sugere-se aqui que a estrutura das novas mídias possui um viés político que favorece a extrema direita, as gramáticas conspiratórias e as forças antiestruturais que se fazem presentes a partir da interação humano-máquina nas redes online.

No capítulo 3, a autora apresenta a análise do populismo digital, abordando o fenômeno por meio da sua dimensão técnica. Tomando por base a ascensão eleitoral da nova direita, especialmente em sua vertente bolsonarista, constrói-se uma compreensão da materialidade das plataformas digitais em que a lógica algorítmica, em sua dinâmica sistêmica, promove um viés antiestrutural que favorece a comunicação política da direita iliberal.

Por fim, no capítulo 4, ressalta-se o contexto da pós-verdade em sua consonância com o populismo conspiracionista. Como as novas mídias têm alterado profundamente as formas de produção de realidade anteriores, fundamentalmente em sua dimensão científica e política, o livro destaca os aspectos epistêmicos e os distintos modos de verificação em que processos de desinformação, conspiracionismos, negacionismos e pseudociências convergem com o bolsonarismo político em sua lógica antiestrutural, porém, a partir de mediações em que as suas dinâmicas de base sejam mais explicitamente mercadológicas.

Para finalizar, destacamos que o trabalho de Letícia Cesarino é um sopro de novidade e vigor para a antropologia e para o campo dos estudos em Ciências, Tecnologias e Sociedade (CTS). A sua contribuição ímpar coloca a produção antropológica sobre

tecnociências como necessária na compreensão dos cenários de incertezas políticas e epistêmicas que proliferam na atualidade por meio das novas mídias. Além do mais, este livro apresenta um programa robusto de teoria e pesquisa em antropologia no qual a análise cibernética, de linhagem batesoniana, é colocada em prática de uma forma eficaz e inovadora. Assim, atrevemo-nos a dizer que o livro em questão talvez seja uma das mais notáveis contribuições teóricas e analíticas da antropologia brasileira em décadas.

Referências Bibliográficas

- ABIDIN, Crystal. 2021. “From ‘networked publics’ to ‘refracted publics’: a companion framework for researching ‘below the radar’ studies”. *Social Media + society*, v. 7, n. 1, pp. 1 – 13.
- BATESON, Gregory. 1972. *Steps to an ecology of mind: collected issues in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology*. Chicago: University of Chicago Press.
- CESARINO, Letícia. 2022. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu.
- DOUGLAS, Mary. 2010 [1966]. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- KUHN, Thomas. 2020 [1962]. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- TURNER, Victor. 2013 [1969]. *Processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Rio de Janeiro: Vozes.
- WU, Tim. 2016. *The attention merchants: the epic scramble to get inside our heads*. New York: Knopf.

sobre os resenhistas

Rafael Antunes Almeida

Doutor em Antropologia pela Universidade de Brasília (UNB) e professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Atua como coordenador do Núcleo de Antropologias experimentais e docente permanente do Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia UFC/UNILAB.

Daniel de Jesus Figueiredo

Doutor e mestre em antropologia social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisador associado ao Laboratório de Antropologia das Controvérsias Sociotécnicas (LACS) e ao Núcleo de Antropologia Visual (NAV) – UFMG

Autoria: Os autores são responsáveis pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos

apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: Este estudo não teve financiamento.

Recebido em 10/11/2023.

Aprovado para publicação em 14/03/2024.